

N O T I C I A R I O

Importações orientais de época romana-republicana em Monte Molião (Lagos, Portugal)

Roman Republican Oriental imports in Monte Molião (Lagos, Portugal)

Elisa de Sousa

Universidade de Lisboa, Uniarq – Centro de Arqueologia
e.sousa@campus.ul.pt - ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3160-108X>

Francisco B. Gomes

Universidade de Lisboa, Uniarq – Centro de Arqueologia / Fundação para a Ciência e a Tecnologia
franciscojb.gomes@gmail.com - ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0664-6374>

Ana Margarida Arruda

Universidade de Lisboa, Uniarq – Centro de Arqueologia
a.m.arruda@letras.ulisboa.pt - ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7446-1104>

Carlos Pereira

Universidade de Lisboa, Uniarq – Centro de Arqueologia / Fundação para a Ciência e a Tecnologia
carlos_samuel_pereira@hotmail.com - ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4116-3602>

Enviado: 06-11-2021. Aceptado: 04-03-2022. Publicado online: 12-07-2022

Citation / Cómo citar este artículo: Sousa, E. de, Gomes, F. B., Arruda, A. M. y Pereira, C. (2022). “Importações orientais de época romana-republicana em Monte Molião (Lagos, Portugal)”. *Archivo Español de Arqueología*, 95, e08. DOI: <https://doi.org/10.3989/aespa.095.022.08>

RESUMO: As intervenções arqueológicas realizadas no Monte Molião (Lagos, Portugal) proporcionaram um pequeno conjunto de materiais importados do Mediterrâneo Oriental. Trata-se, concretamente, de taças helenísticas com decoração a molde e de *terra sigillata* oriental A, que totalizam 18 fragmentos. Na maioria dos casos, estes exemplares surgem em contextos conservados de cronologia romano-republicana, especificamente entre 125 e 50/25 a. C., revelando a adopção de tradições helenísticas relacionadas com o consumo de líquidos e talvez até a existência de uma particular procura de vasos esteticamente mais apelativos. Apesar de ser um conjunto quantitativamente diminuto, assume uma particular relevância para o alargamento e compreensão da escala de distribuição destes produtos no litoral atlântico.

Palavras-chave: Ocidente Atlântico; taças helenísticas com decoração a molde; *terra sigillata* oriental A; século II e I a. C.; distribuição.

ABSTRACT: Archaeological interventions carried out in Monte Molião (Lagos, Portugal) provided a small set of materials imported from the Eastern Mediterranean, specifically Hellenistic mouldmade bowls and eastern *sigillata* A, totaling 18 fragments. In the vast majority of cases, these specimens appear in conserved layers of Roman-Republican chronology, more specifically between 125 and 50/25 BC, revealing the adoption, during this period, of certain Hellenistic traditions related to the consumption of liquids and perhaps even the existence of a particular demand for more aesthetically appealing vases. Despite being a quantitatively scarce assemblage, it assumes a particular relevance for the widening and understanding of the scale of distribution of these oriental products on the Atlantic coast.

Keywords: Western Atlantic; Hellenistic Mouldmade bowls; eastern *sigillata* A; 2nd and 1st century BC; distribution.

Copyright: © 2022 CSIC. This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International (CC BY 4.0) License.

1. INTRODUÇÃO

A presença de cerâmicas finas fabricadas no Mediterrâneo Oriental durante o período Romano-republicano é, até ao momento, exígua no Ocidente Peninsular e, de forma mais particular, no território português. Ainda que estas ausências se possam justificar, em parte, pela sua localização periférica face aos circuitos comerciais mediterrâneos, é possível que se deva também a certas dificuldades em identificar correctamente estes materiais.

Neste sentido, justifica-se a pertinência do presente trabalho, que divulga um pequeno, mas significativo, conjunto de importações orientais recuperadas durante as escavações arqueológicas realizadas no Monte Molião (Lagos, Portugal), concretamente na área do povoado e na zona envolvente.

Dispensamos introduções mais detalhadas sobre esta estação arqueológica, que se encontram, aliás, publicadas em vários artigos e idiomas (ver, entre outros, Arruda *et al.*, 2008; Arruda, Pereira e Sousa, 2020; Pereira e Arruda, 2016; Sousa e Arruda, 2014a), sendo apenas pertinente recordar que o local se localiza na costa ocidental do Algarve e que forneceu evidências de uma intensa ocupação humana que se iniciou durante a segunda metade do século IV a. C. e se prolongou até ao final do século II d. C.

Nesta longa diacronia, o momento de ocupação que interessa sublinhar é a fase romano-republicana (séculos II e I a. C.), que se encontra particularmente bem conservada, quer a nível arquitectónico (Arruda, Pereira e Sousa, 2020), quer no que diz respeito à cultura material (Arruda e Sousa, 2013; Arruda *et al.*, 2020; Pereira e Arruda, 2016; Pereira, Alves e Sou-

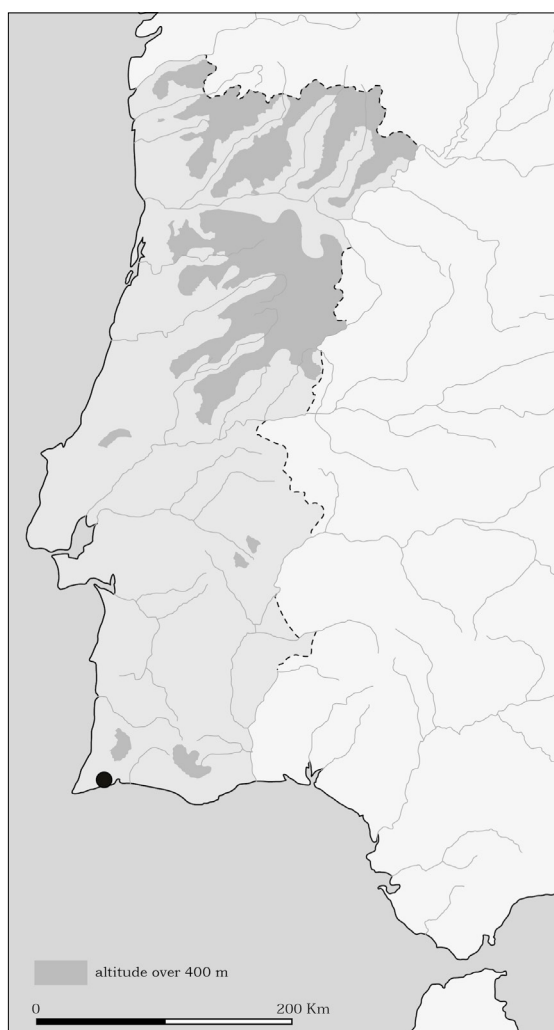


Figura 1. Localização de Monte Molião no território português (elaboração própria).

sa, 2015; Sousa e Arruda, 2013, 2014b, 2018; Sousa e Serra, 2006; Sousa, Pereira e Alves, 2015; Sousa, Alves e Pereira 2016; Sousa, Pereira e Arruda, 2019).

Ainda que os primeiros indícios de contactos, directos ou indirectos, com a esfera romana se possam datar da primeira metade do século II a. C. (Sousa *et al.*, no prelo), a esmagadora maioria dos contextos conservados de Monte Molião são enquadráveis entre o último quartel do século II e o primeiro terço do século I a. C. Foi durante este período que o sítio recebeu produtos fabricados no Mediterrâneo Oriental, que muito provavelmente foram comercializados no âmbito dos circuitos comerciais romanos, que reconnected os vértices do *mare nostrum*.

Até ao momento, as escavações realizadas no Monte Molião permitiram reconhecer unicamente produtos orientais vinculados ao serviço de mesa, concretamente taças helenísticas com decoração a molde e vasos de *terra sigillata* oriental A. Encontram-se contextualmente associados a outras importações mediterrâneas, concretamente ânforas itálicas e norte africanas e vasos de verniz negro e paredes finas, sendo, ainda assim, os produtos de origem andaluza predominantes no repertório artefactual (Arruda e Sousa, 2013; Dias, 2010; Sousa e Arruda, 2018; Sousa, Pereira e Alves, 2015; Sousa, Alves e Pereira 2016; Sousa, Pereira e Arruda, 2019).

2. TAÇAS HELENÍSTICAS COM DECORAÇÃO A MOLDE

As taças helenísticas com decoração a molde, mais comumente conhecidas como taças megáricas, correspondem a uma produção tipicamente oriental, concretamente da Península Balcânica e Ásia Menor, inspirada em protótipos metálicos. O seu fabrico iniciou-se durante o último quartel do século III, prolongando-se até aos inícios/meados do século I a. C. (Rottorf, 2006; Rogl, 2014).

A sua reprodução em áreas mais ocidentais, entre as quais se destacam as da Península Itálica (produções italo-megáricas), parece ter ocorrido quase simultaneamente, ainda que tenha atingido maior expressão entre o século II e I a. C. Contudo, estas “imitações” parecem ter tido uma distribuição mais limitada (Schmid, 2014), mesmo no âmbito da própria Península Itálica, estando particularmente concentradas em certas áreas do Lácio e da Etrúria (Puppo, 1995; Malfitana, 2011; Leotta, 2017, p. 75).

A característica mais individualizante destes produtos é a sua decoração em relevo, obtida pela utilização de moldes previamente decorados com punções. Estes motivos são, por norma, geométricos ou florais/vegetais, podendo, em certas ocasiões, ser também fi-

gurativos (Laumonier, 1977). São, fundamentalmente, recipientes utilizados para o consumo de líquidos, muito provavelmente de vinho.

O seu fabrico ocorreu contemporaneamente em múltiplos centros oleiros, disseminados pelas costas do Mediterrâneo Oriental, e que não se encontram ainda totalmente identificados e caracterizados (Rogl, 2014). Contudo, partilham entre si as morfologias e decorações utilizadas, suspeitando-se, inclusivamente, da existência de jogos de punções que circulavam entre as diferentes oficinas (Cabrera, 1978-1979, 2004a), situação que dificulta a atribuição de determinadas tendências estilísticas a centros específicos.

Apesar destas limitações, a esmagadora maioria das taças helenísticas com decoração a molde identificadas na Península Ibérica parecem ter tido origem em oficinas da costa da Jónia (Laumonier, 1962; Cabrera, 1978-1979, 2004b; Pérez Ballester, 2012), e talvez especificamente efésias (Rogl, 2014), considerando os estilos reconhecidos. Apenas em raros casos se identificaram produções atribuídas a oficinas itálicas (Vegas, 1953-1954, 1955-1956; García Vargas e García Fernández 2009: 144; Leotta, 2017, p. 76), e as únicas evidências de reproduções hispânicas limitam-se a alguns achados de Ampúrias (Vegas, 1953-1954) e, eventualmente, a dois punções recolhidos em La Alcuja (Elche), ainda que a associação destes ao fabrico de vasos deste tipo não seja segura (Lara Vives, 2004-2005, pp. 120-121).

De qualquer forma, a importação dos produtos orientais ocorreu, sobretudo, entre a segunda metade do século II a. C. e os meados do século I a. C. (ver, entre outros, Cabrera, 1978-1979, 2004a, 2004b; Pérez Ballester, 2012), período em que se enquadram também as evidências aqui apresentadas.

As escavações no Monte Molião proporcionaram, até à data, um total de 15 fragmentos (14 NMI) de taças helenísticas com decoração a molde. Felizmente, 12 foram recuperados em contextos conservados do período Romano-republicano e apenas três em níveis secundários, formados em época posterior.

As características das pastas são homogêneas, sendo compactas e bem depuradas, sendo difícil identificar elementos não plásticos, com a excepção de algumas micas. Apresentam geralmente uma tonalidade bege ou alaranjada, sendo, num único caso, acinzentada. A qualidade dos revestimentos é, contudo, variável. Nota-se uma predominância de engobes de tonalidade avermelhada, e, por vezes, negra, podendo esta variação ocorrer, inclusivamente, na mesma peça, situação que se relaciona com os ambientes de cozedura (Cabrera, 1978-1979; Rogl, 2014).

Todas as peças correspondem a taças de perfil semi-hemisférico. O bordo, quando está conservado, é

vertical ou ligeiramente reentrante (tipos 2 e 3 de Rogl, 2014). Apenas em um dos fragmentos não foi possível identificar adequadamente os motivos decorativos, por a superfície se encontrar muito desgastada.

N.º 1 – Bordo de tendência vertical, separado da parede por uma canelura, que marca o início da zona decorada. A linha superior é constituída por uma fila de pérolas (*perlstabe*) que se encontram separadas por dois traços, encontrando paralelos exatos em Éfeso (Rogl, 2014, fig. 13, n.º 11), sendo associadas sobretudo às produções da oficina do Monograma ΠΑΡ e de *Menemakhos*. Uma segunda canelura delimita uma sequência de *godrones* (pétalas alongadas), com moldura exterior e arredondadas na sua extremidade, sendo este também um motivo típico das oficinas jónias. Pasta alaranjada, muito compacta e bem depurada. O verniz é fino e aderente, oscilando entre tons negros e avermelhados.

Contexto arqueológico: MOLA [425] - nível conservado do período Romano-republicano (125-75 a. C.), estando associado um outro exemplar de taça helenística com decoração a molde (n.º 4).

N.º 2 - Bordo de tendência vertical, separado da parede por uma canelura, que marca o início da zona decorada. A linha superior é constituída por uma fila estreita de pérolas, seguindo-se uma segunda canelura que delimita uma sequência de estrelas de oito pontas com botão central. Pasta alaranjada, muito compacta e bem depurada. O verniz é fino e aderente, de tonalidade avermelhada.

Contexto arqueológico: MOLA Sector C [1332] - nível conservado do período Romano-republicano (125-75 a. C.).

N.º 3 - Bordo de tendência reentrante, estando separado da parede por uma canelura, que marca o início da zona decorada. A linha superior é constituída pelo *kymation* jónio (linha de dardos e ovas), sendo as extremidades arredondadas, encontrando paralelos próximos nas produções da oficina do Monograma ΠΑΡ (Laumonier, 1977; Rogl, 2014). Segue-se uma segunda canelura que delimita uma segunda faixa decorada, possivelmente com uma sequência de estrelas ou rosetas. Pasta bege, muito compacta e depurada, observando-se a presença de micas. O verniz é fino e aderente, oscilando entre tons negros e avermelhados.

Contexto arqueológico: MOLA [313] - nível conservado do período Romano-republicano (provavelmente entre 75-50 a. C.), estando associado a fragmentos de *terra sigillata* oriental (n.º 15 e 16).

N.º 4 - Bordo de tendência vertical, separado da parede por duas caneluras, que marcam o início da

zona decorada. A linha superior é constituída, uma vez mais, pelo *kymation* jónio. Pasta bege, muito compacta e depurada, observando-se a presença de micas. O verniz é fino e aderente, de tonalidade negra.

Contexto arqueológico: MOLA [425] - nível conservado do período Romano-republicano (125-75 a. C.), estando associado um outro exemplar de taça helenística com decoração a molde (n.º 1).

N.º 5 - Bordo de tendência vertical, separado da parede por uma canelura, que marca o início da zona decorada. Infelizmente, a superfície deste exemplar encontra-se muito desgastada, parecendo, ainda assim, exibir uma sequência de bastões encurvados (*flechtbänder* – Rogl, 2014). O fundo é aplanado, tendo o pé ligeiramente destacado. O seu desgaste não permite identificar decoração ou qualquer tipo de marca. Pasta cinzenta clara, compacta e depurada, observando-se a presença de micas. O verniz também está muito mal preservado, mas seria de tonalidade negra.

Contexto arqueológico: U.M. S1 [14] - nível conservado do período Romano-republicano (125-75 a. C.), estando associado um outro exemplar de taça helenística com decoração a molde (n.º 10).

N.º 6 - Bordo de tendência vertical, separado da parede por duas caneluras, que marcam o início da zona decorada. A linha superior parece ser constituída por uma sequência de rosetas, ainda que o estado de fragmentação não permita assegurar esta identificação. Pasta alaranjada, muito compacta e bem depurada. O verniz é fino e aderente, de tonalidade negra.

Contexto arqueológico: MOLA [150] - nível conservado do período Romano-republicano (segundo / terceiro quartel do século I a. C.).

N.º 7 - Fundo aplanado, tendo o pé ligeiramente destacado. Na superfície externa, conserva parte da decoração, talvez constituída por folhas de louro. Pasta alaranjada, muito compacta e bem depurada. O verniz é fino e aderente, de tonalidade avermelhada. Contexto arqueológico: MOLA [184] - nível conservado do período Romano-republicano (125-75 a. C.), estando associado um outro exemplar de taça helenística com decoração a molde (n.º 8).

N.º 8 – Parede que conserva, na superfície externa, parte de uma folha de acanto, com o nervo central bem marcado, contorno bem delimitado e a extremidade inclinada para a direita. Este motivo é similar a um outro identificado em Cartagena, atribuído às produções da oficina do Monograma ΠΑΡ (Cabrera, 1978-1979, p. 99). Pasta bege, muito compacta e bem depurada. O verniz é fino e aderente, de tonalidade acastanhada.

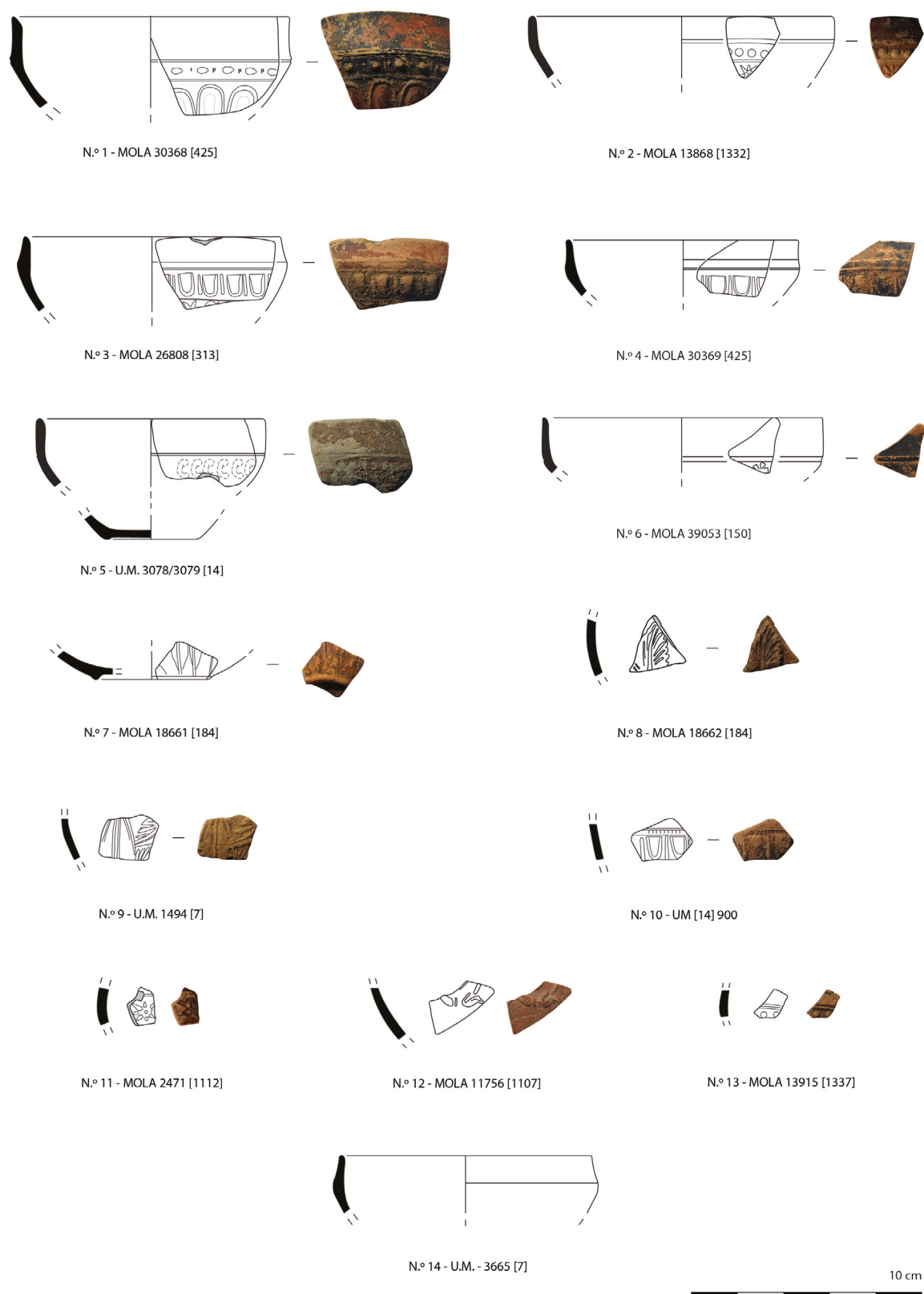


Figura 2. Taças helenísticas com decoração a molde de Monte Molíão (elaboração própria).

Contexto arqueológico: MOLA [184] - nível conservado do período Romano-republicano (125-75 a. C.), estando associado um outro exemplar de taça helenística com decoração a molde (n.º 7).

- N.º 9 – Parede que conserva, na superfície externa, motivos vegetais, possivelmente folhas de louro. Pasta bege, muito compacta e bem depurada. O verniz encontra-se mal conservado, mas seria de tonalidade avermelhada.

Contexto arqueológico: U.M. S1 [7] - nível de cronologia Romano-Imperial (século I-II d. C.).

- N.º 10 – Parede que conserva, na superfície externa, uma faixa decorada pelo *kymation* jónio, delimitado na área superior por uma linha de motivos em S. Pasta bege-rosada, muito compacta e depurada, observando-se a presença de micas. O verniz é de tonalidade negra.

Contexto arqueológico: U.M. S1 [14] - nível conservado do período Romano-republicano (125-75 a. C.), estando associado um outro exemplar de taça helenística com decoração a molde (n.º 5).

- N.º 11 – Parede que conserva, na superfície externa, uma estrela de oito pontas com botão central, delimitada na área superior por uma canelura. Pasta alaranjada, muito compacta e bem depurada. O verniz é fino e aderente, de tonalidade vermelha-escura.

Contexto arqueológico: MOLA [1112] - nível conservado do período Romano-republicano (125-75 a. C.).

- N.º 12 – Parede que conserva, na superfície externa, parte de um motivo, talvez figurativo, mas de difícil leitura. Pasta alaranjada, muito compacta e bem depurada. O verniz é fino e aderente, de tonalidade avermelhada.

Contexto arqueológico: MOLA [1107] - nível muito revolvido, provavelmente de cronologia Romana-Imperial (século I-II d. C.).

- N.º 13 – Parede que conserva, na superfície externa, uma faixa de pérolas, delimitada na parte superior por uma canelura. Pasta alaranjada, muito compacta e bem depurada. O verniz, mal conservado, é de tonalidade negra.

Contexto arqueológico: MOLA [1337] - nível conservado do período Romano-republicano (125-75 a. C.).

- N.º 14 - Bordo de tendência reentrante, separado da parede por uma canelura, que marca o início da zona decorada. Os motivos são, infelizmente, ilegíveis. Pasta alaranjada, muito compacta e bem depurada. O verniz, mal conservado, é de tonalidade avermelhada.

Contexto arqueológico: U.M. S1 [7] - nível de cronologia romano-imperial (século I-II d. C.).

Infelizmente, as peças encontram-se muito fragmentadas, conservando apenas pequenas áreas decoradas, não permitindo a sua atribuição a oficinas específicas. Contudo, os poucos paralelos que conseguimos estabelecer indicam a sua provável proveniência da costa jónia, tal como a maioria dos exemplares encontrados na Península Ibérica, como já se referiu anteriormente. Cabe, ainda assim, destacar alguma recorrência de motivos na zona superior como o *kymation* jónio, as estrelas de oito pontas, e ainda a fila de pérolas intercaladas por dois traços, que podem permitir, nestes casos, uma associação mais clara à oficina efésia do Monograma ΠΑΡ (Rogl, 2014, p. 127).

3. *TERRA SIGILLATA* ORIENTAL

A *terra sigillata* oriental A (*Eastern sigillata* A) corresponde a uma produção oriental, provavelmente com origem em múltiplos centros produtores localizados entre a costa Sudeste da Turquia e a área sírio-palestina (Hayes, 2001, pp. 146-147). O seu fabrico terá tido início nos meados do século II a. C., prolongando-se durante cerca de quatro centúrias (Hayes, 1985, pp. 12-13). Trata-se de uma produção de boa qualidade, apresentando pastas compactas e muito bem depuradas, sendo o verniz de coloração variável, mas sempre dentro de uma gama de vermelhos (Hayes, 1985, p. 9).

A sua comercialização no Mediterrâneo Central e Ocidental terá sido mais limitada quando comparada com a de outros produtos, como é o caso das taças helenísticas com decoração a molde, ainda que o número de exemplares atribuíveis a *terra sigillata* oriental A tenham, efetivamente, aumentado durante as últimas décadas (ver, entre outros, Malfitana, Poblome, e Lund, 2005).

Os fragmentos de *terra sigillata* oriental A recolhidos no Monte Molião são escassos, contando com apenas dois bordos e um fundo, podendo, eventualmente, dois corresponderem a uma mesma peça. As suas características morfológicas permitem uma aproximação às formas 19 e 22A da tipologia proposta por Hayes (1985). Todos foram recolhidos em contextos conservados do período Romano-republicano.

- N.º 15 – Bordo de tendência exvertida, com secção subtriangular, podendo ser integrado na forma Hayes 22, provavelmente na variante A (Hayes, 1985), cronologicamente integrável entre o final do século II e o século I a. C. Pasta bege-alaranjada, compacta e bem depurada. O verniz é fino e aderente, de tonalidade avermelhada.

Contexto arqueológico: MOLA [313] - nível conservado do período Romano-republicano (prova-

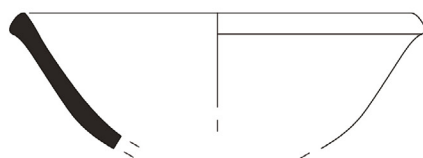
velmente entre 75-50 a. C.), estando associado a um fragmento de taça helenística com decoração a molde (n.º 3).

N.º 16 – Fundo de base anelar, sendo o topo interior aplanado. A presença, neste mesmo contexto, de outros fragmentos de *terra sigillata* oriental A (n.º 15) poderia permitir associar este fragmento também à forma Hayes 22. Ainda assim, os fundos desta forma são, por norma, mais moldurados, situação que não permite assegurar esta correspondência. Pasta bege alaranjada, compacta e bem depurada. O verniz é fino e aderente, de tonalidade avermelhada. Contexto arqueológico: MOLA [313] - nível conservado do período Romano-republicano (prova-

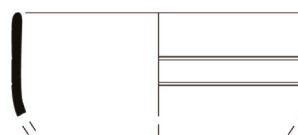
velmente entre 75-50 a. C.), estando associado também a um fragmento de taça helenística com decoração a molde (n.º 3).

N.º 17 - Bordo de tendência vertical, com secção simples e arredondada. Na zona externa identificam-se duas caneluras pouco acentuadas. Estas características permitem uma aproximação à forma 19 de Hayes, datada da primeira metade do século I a. C. (Hayes, 1985, p. 22). Pasta bege alaranjada, compacta e bem depurada. O verniz é fino e aderente, de tonalidade avermelhada.

Contexto arqueológico: MOLA [338] - nível conservado do período Romano-republicano (segundo / terceiro quartel do século I a. C.).



N.º 15 - MOLA 26790 [313]



N.º 17 - MOLA 29082 [338]

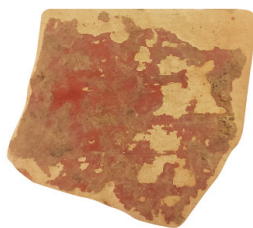


N.º 16 - MOLA 26789 [313]

10 cm



Figura 3. *Terra sigillata* oriental A de Monte Molião (elaboração própria).



MOLA 29082 [338]



MOLA 26790 [313]

5 cm



Figura 4. *Terra sigillata* oriental A de Monte Molião (elaboração própria).

4. DISCUSSÃO

O conjunto de importações orientais romano-republicanas do Monte Molião, apesar de quantitativamente reduzido, adquire um valor singular se considerarmos a escassez de dados disponíveis para a caracterização destes materiais no Extremo Ocidente e, sobretudo, no território português.

O seu peso percentual no conjunto dos serviços de mesa utilizados pelas comunidades do Monte Molião durante o período Romano-republicano é, naturalmente, muito limitado. Com efeito, este é formado sobretudo por vasos de verniz negro itálico (predominantemente produções napolitanas e calenas) e de paredes finas, que foram utilizados conjuntamente com alguns produtos ocidentais (cerâmica de tipo Kuass). Os vasos orientais correspondem apenas a cerca de 2% dos serviços de mesa (Sousa, Pereira e Arruda, 2019).

Ainda assim, a sua presença pode ser significativa se interpretada como reflexo da adopção de padrões de consumo de tradição oriental, talvez directamente relacionados com a ingestão de vinho (Pérez Ballesster, 2012). Estas tradições helenísticas, que podem ter as suas raízes ainda nos momentos finais da Idade do Ferro, teriam sido reforçadas ou renascido no âmbito da expansão geográfica das redes comerciais que ocorreu nas últimas duas centúrias do 1º milénio a. C., e que reconnected a bacia do Mediterrâneo Oriental com a costa atlântica. Por outro lado, a própria decoração ostentada pelas taças helenísticas a molde, mais representativas no conjunto das importações orientais, poderá ter justificado a procura destes produtos mais “exóticos”, pela sua estética excepcional, sobretudo se tivermos em consideração as características dos serviços mais vulgarmente utilizados.

Sobre a raridade das taças helenísticas com decoração a molde no Extremo Ocidente, é provável que esta se relacione, pelo menos em parte, com o carácter mais periférico desta região, sobretudo quando se estabelece uma comparação com o Sudeste da Península Ibérica.



Figura 5. Fragmento de taça helenística com decoração a molde da Alcáçova de Santarém (elaboração própria).

Ainda assim, pensamos que esta escassez se poderá justificar por dificuldades inerentes à identificação destas peças, que podem ser talvez confundidas com vasos de paredes finas ou outras produções de cerâmicas finas. Com efeito, apenas conhecemos dois outros sítios no território português onde se constataram estes produtos: Alcáçova de Santarém, com um único fragmento decorado com o *kymation* lésbio (Fig. 5), e Castro de Chibanes, onde se identificaram alguns exemplares desta categoria (Sousa, 2021).

Assim, este pequeno conjunto do Monte Molião constitui, até à data, o mais expressivo do território português, permitindo ampliar os mapas de distribuição das taças helenísticas com decoração a molde.

Com efeito, no contexto peninsular, estas parecem estar concentradas em áreas litorais, particularmente no Sudeste (Fig. 6 e Tab. 1), fenómeno que tem sido directamente relacionado com importância de Cartagena enquanto porto comercial, que proporcionou, até à data, o conjunto mais extenso destas produções orientais (Cabrera, 1978-1979). Ainda assim, durante os últimos anos, a identificação destes vasos na área atlântica tem aumentado, com exemplares em sítios localizados na baía de Bolonia (Arévalo e Bernal, 2007, p. 232), em Cádiz (Bernal *et al.*, 2019), no Baixo Guadalquivir (Campos Carrasco, 1986, p. 58 e fig. 49; Jaeggi, 1999, pp. 22-23; Jiménez Sancho, 2002, p. 136; García Vargas e García Fernández, 2009, pp. 136, 144; Vázquez Paz e Gethsemani, 2018, p. 325) e também na costa de Marrocos (Aranegui, 2005, p. 89). Ainda que se trate, de acordo com os dados publicados, de pequenos conjuntos, estas evidências atlânticas são representativas de um outro nódulo significativo na geografia de distribuição destes materiais.

No que diz respeito às importações de *terra sigillata* oriental A, cabe referir que nas últimas décadas se têm reconhecido já alguns exemplares na costa portuguesa. Trata-se, concretamente, de três fragmentos recolhidos na Alcáçova de Santarém das formas Hayes 7, 9 e 19 (Viegas, 2003, pp. 36-38), esta última identificada também no Monte Molião; um fragmento talvez da forma Hayes 3 do Alto dos Cacos (Silva, Pimenta e Mendes, 2013); três fragmentos de Alcácer do Sal, da forma Hayes 3 e possivelmente da forma Hayes 11 (Sepúlveda, Faria e Faria, 2000; Viegas, 2014); três fragmentos, infelizmente sem forma reconhecível, das Mesas do Castelhinho (Viegas, 2019); um fragmento de Faro, da forma Hayes 3 (Viegas, 2011, pp. 129-130), ao qual se soma outro recuperado num contexto romano-republicano de finais do século II / século I a. C., mas sem indicação de forma (Gomes, 2016). Paradoxalmente, no restante território peninsular é mais difícil rastrear a disseminação da *terra*

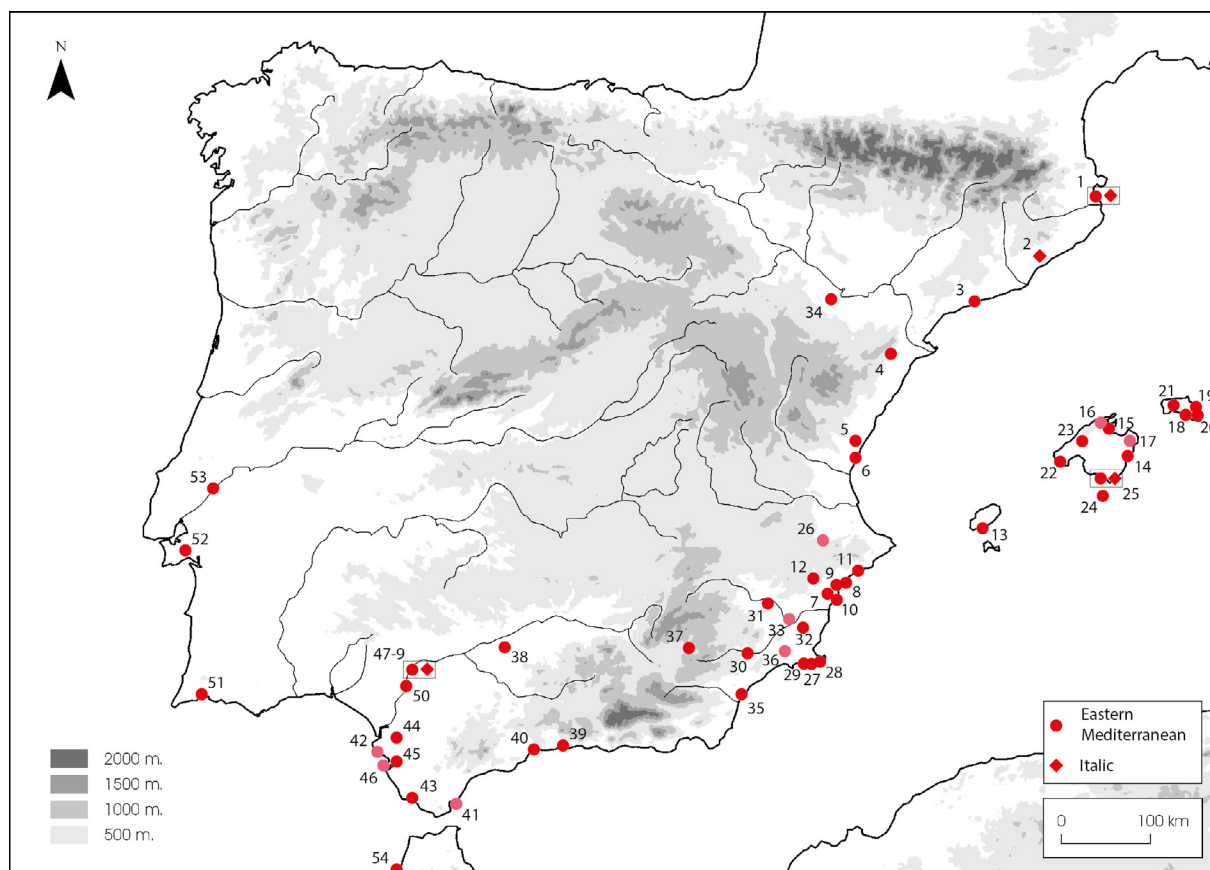


Figura 6. Distribuição das taças helenísticas com decoração a molde na Península Ibérica: 1. Ampúrias; 2. Burriac; 3. Tarragona; 4. La Moleta dels Frares; 5. *Saguntum*; 6. Valencia; 7. La Alcudia de Elche; 8. Tossal de Manises; 9. La Albufereta; 10. Santa Pola; 11. La Malladeta; 12. El Monastil; 13. Puig des Molins; 14. Son Carrió; 15. *Pollentia*; 16. Gotmar; 17. Ses Païsses; 18. Cales Coves; 19. Sa Torreta; 20. Trepucó; 21. Torre Llafuda; 22. Turó de les Abeilles; 23. Puig d'en Canals; 24. Isla de Cabrera; 25. Sant Jordi (naufrágio); 26. La Sort; 27. Cartagena; 28. Escombreras; 29. Huerta del Paturro; 30. Cabecico del Tesoro; 31. Archena; 32. La Alberca; 33. Murcia (região); 34. La Romana; 35. Villaricos; 36. Fuente Álamo; 37. Cerro del Real de Galera; 38. Córdoba; 39. Morro de Mezquitilla; 40. Málaga; 41. Gorham's Cave (?); 42. Rota (região); 43. *Baelo Claudia*; 44. Mesas de Asta; 45. Verinsur; 46. Cádiz – Teatro Cómic; 47. Sevilha – C/ Argote de Molina; 48. Sevilha – C/ Abades; 49. Sevilha – C/ Argote de Molina; 50. Estacada de Alfaro; 51. Monte Molíão; 52. Castro de Chibanes; 53. Santarém; 54. *Lixus* (elaboração própria).

1	Ampúrias	Vegas, 1953-1954, 1955-1956; Fernández de Avilés, 1957
2	Burriac	Beltrán Lloris, 1990; Tordera Guarinos, 1991; Jaeggi, 1999
3	Tarragona	Pérez Ballester, 2012
4	La Moleta dels Frares	Arasa i Gil, 1987; v. tb. Tordera Guarinas, 1991; Jaeggi, 1999; Cabrera, 2004a
5	<i>Saguntum</i>	Pérez Ballester, 2012
6	Valencia	Montesinos Martínez, 1983
7	La Alcudia de Elche	Fernández de Avilés, 1957; Cabrera, 2004b; Lara Vives, 2004-2005
8	Tossal de Manises	Fernández de Avilés, 1957; Tordera Guarinos, 1991; Jaeggi, 1999; Cabrera, 2004a; Pérez Ballester, 2012
9	La Albufereta	Cabrera, 2004a; Pérez Ballester, 2012
10	Santa Pola	Ramos Fernández, 1978
11	La Malladeta	Espinosa e Marcos, 2014
12	El Monastil	Tordera Guarinos, 1991
13	Puig des Molins	Fernández de Avilés, 1956, 1957; v. tb. Tordera Guarinos, 1991; Jaeggi, 1999; Cabrera, 2004a
14	Son Carrió	Fernández de Avilés, 1957; Tordera Guarinos, 1991; Jaeggi, 1999; Cabrera, 2004a
15	<i>Pollentia</i>	Arribas Trias, 1959
16	Gotmar	Cerdá, 2002
17	Ses Païsses	Aramburu-Zabala, 2021

18	Cales Coves	Sánchez e Orfila, 2015
19	Sa Torreta	Murray, 1934; cf. Sánchez e Orfila, 2015
20	Trepucó	Murray, 1938; cf. Sánchez e Orfila, 2015
21	Torre Llafuda	Nicolás, 1983; cf. Sánchez e Orfila, 2015
22	Turó de les Abeilles	Blech, Camps e Vallespir 1978; Camps e Vallespir, 1998
23	Puig d'en Canals	Jaeggi, 1999; Cabrera, 2004a
24	Isla de Cabrera	Jaeggi, 1999; Cabrera, 2004a
25	Sant Jordi (naufrágio)	Cerdá, 1980; Beltrán Lloris, 1990; Ramon Torres, 1991
26	La Sort	Bolufer e Ribera, 1995
27	Cartagena	Cabrera Bonet, 1978-1979
28	Escombreras	Tordera Guarinos, 1991
29	Huerta del Paturro	Lara Vives, Mendiola Tébar e López Seguí, 2009
30	Cabecico del Tesoro	García Cano, García Cano e Ruiz Valdera, 1989; v. tb. Jaeggi 1999; Cabrera, 2004a
31	Archena	Tordera Guarinos, 1991; Jaeggi, 1999; Cabrera, 2004a; Pérez Ballester, 2012
32	La Alberca	Martínez Alcalde, 1999
33	Murcia (região)	Fernández de Avilés, 1957; Tordera Guarinos, 1991; Jaeggi, 1999
34	La Romana	Beltrán Lloris, 1979; v. tb. Jaeggi, 1999; Cabrera, 2004a; Pérez Ballester, 2012
35	Villaricos	Jaeggi, 1999; Cabrera, 2004a
36	Fuente Álamo	Chávez Álvarez, 2000
37	Cerro del Real de Galera	Pellicer e Schüle, 1966; v. tb. Tordera Guarinos, 1991; Jaeggi, 1999; Cabrera, 2004a
38	Córdoba	Tordera Guarinos, 1991; Jaeggi, 1999; Cabrera, 2004a
39	Morro de Mezquitilla	Jaeggi, 1999
40	Málaga	Pérez-Malumbres Landa, 2012
41	Gorham's Cave (?)	Gutiérrez López <i>et al.</i> , 2001
42	Rota (região)	Riesco García, 2010
43	<i>Baelo Claudia</i>	Arévalo e Bernal, 2007
44	Mesas de Asta	Fernández de Avilés, 1957; Tordera Guarinos, 1991; Jaeggi, 1999; Cabrera, 2004a
45	Verinsur	Bernal Casasola <i>et al.</i> , 2019
46	Cádiz – Teatro Cómico	Cf. Bernal Casasola <i>et al.</i> , 2019
47	Sevilha – C/ Argote de Molina	Campos Carrasco, 1986; v. tb. Jaeggi, 1999; Cabrera, 2004a
48	Sevilha – C/Abades	Jiménez Sancho, 2002
49	Sevilha – C/ Argote de Molina	García Vargas e García Fernández, 2009
50	Estacada de Alfaro	Vázquez e Gethsemani, 2018
51	Monte Molião	Neste trabalho
52	Chibanes	Sousa, 2021
53	Santarém	Neste trabalho
54	Lixus	Aranegui, 2005

Tabela 1. Taças helenísticas com decoração a molde na Península Ibérica: listagem dos sítios de proveniência (elaboração própria).

sigillata oriental A, ainda que pareça evidente a sua maior recorrência na costa oriental (Beltrán, 1990), particularmente na área de Cartagena (Pérez Ballester, 1983) e Alcudia de Elche (Lara Vives, 2004-2005, p. 124, nota 40).

Um outro aspecto que deve ser referido é o facto de os conjuntos de importações orientais de época romana-republicana na Península Ibérica não se limitarem a vasos de *terra sigillata* oriental A e a taças helenísticas com decoração a molde, podendo também incluir outras formas como os *lagynoi*, documentados em sítios como Cartagena e Valência (Pérez Ballester, 2012). A associação destas últimas duas morfologias permite, inclusivamente, equacionar a disseminação de um pacote oriental destinado especificamente ao

consumo de vinho, e talvez em particular de vinho grego, que seria distribuído em ânforas ródias (Pérez Ballester, 2012, p. 74).

Infelizmente, também estes materiais são escassos no território português. No que diz respeito às ânforas ródias, exemplares do período Romano-republicano só foram identificados no estuário do Tejo, concretamente na Alcáçova de Santarém (Bargão, 2006) e em Lisboa (Filipe, 2018, p. 323), sendo os três datados da segunda metade do século II a. C. No que diz respeito aos *lagynoi* a situação é mais complexa, conhecendo-se apenas alguns exemplares no Castro de Chibanes (Sousa e Pereira, 2021), mas para os quais não é possível assegurar uma proveniência do Mediterrâneo Oriental.

De qualquer forma, parece claro que a documentação sobre a presença de importações orientais nas costas atlânticas está ainda a dar os seus primeiros passos, e que futuras publicações permitirão delinear um quadro mais completo deste fenómeno que ocorreu a uma escala bem mais ampla, e que esteve possivelmente relacionado com a intensificação das actividades comerciais de *negotiatores* itálicos em Delos (ver, entre outros, Pierobon, 1985; Bertone, 1989), utilizando como possíveis intermediários outros comerciantes da área meridional da Península Itálica (Pérez Ballester, 1994, 2012).

Ainda assim, a utilização dos produtos ligados ao consumo alimentar, em particular das taças helenísticas com decorações a molde, que se distinguem por um maior cuidado na sua execução, tem sido associada primariamente a contextos de cariz religioso e também funerário (Laumonier, 1977; Pierobon, 1985; Semeraro, 2005; Leotta, 2017), situação que se pode aplicar também a alguns conjuntos ocidentais (Sánchez López e Orfila Pons, 2015). No que diz respeito aos dados de Monte Molião, assim como das restantes evidências do território português, estes produtos orientais parecem ter sido utilizados em actividades e contextos eminentemente quotidianos, até porque os restantes (rituais e funerários) permanecem, em grande parte, desconhecidos. Contudo, esta questão só poderá ser desenvolvida com novos dados, em particular de natureza contextual, que permitam aferir práticas de consumo específicas nas quais estas cerâmicas foram incorporadas.

BIBLIOGRAFIA

- Aramburu-Zabala, F. J. (2021). *Ses Païsses (Artà, Mallorca). Cerâmicas a torno no anfóricas*. Documento on-line disponível em https://www.academia.edu/46920376/SES_PA%C3%8FSSSES_Art%C3%A0_Mallorca_CER%C3%81MICAS_A_TORNO_NO_ANF%C3%93RICAS (Consultado a 05/06/2021).
- Aranegui, C. (Ed.) (2005). *Lixus-2 Ladera Sur. Excavaciones arqueológicas marroco-españolas en la colonia fenicia. Campañas 2000-2003*. Valencia: Universidad de Valencia.
- Arasa i Gil, F. (1987). *Lesera: (La Moleta dels Frares, El Forcall): estudi sobre la romanització a la comarca dels Ports*. Castellón: Diputación de Castellón.
- Arévalo, A. e Bernal, D. (Eds.) (2007). *Las cetariae de Baelo Claudia. Avance de las investigaciones arqueológicas en el barrio meridional (2000-2004)*. Cádiz: Junta de Andalucía / Universidad de Cádiz.
- Arribas Trías, G. (1959). “Cerámica de Megara en Pollentia, La Alcudia (Mallorca)”. *Archivo Español de Arqueología*, XXXII, pp. 84-92.
- Arruda, A. M., Pereira, C. e Sousa, E. (2020). “Laccobriga: estruturas romanas de Monte Molião (Lagos, Portugal)”. Em: Pizzo, A. (Ed.), *La arquitectura doméstica urbana de la Lusitania romana*. Mérida: IAM, pp. 183-194.
- Arruda, A. M., Pereira, C., Sousa, E. e Varandas, D. (2020). “Artefactos metálicos do Monte Molião (Lagos, Portugal): os elementos de indumentária de época romana”. *Saguntum*, 52, pp. 117-133.
- Arruda, A. M. e Sousa, E. (2013). “Ânforas Republicanas de Monte Molião (Lagos, Algarve, Portugal)”. *Spal*, 22, pp. 101-141.
DOI: <https://doi.org/10.12795/spal.2013.i22.05>
- Arruda, A., Sousa, E., Bargão, P. e Lourenço, P. (2008). “Monte Molião (Lagos): Resultados de um projecto em curso”. *Xelb*, 8, pp. 161-192.
- Bargão, P. (2006). *As importações anfóricas do Mediterrâneo durante a época romana republicana na Alcáçova de Santarém*. Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Beltrán Lloris, M. (1979). *El poblado ibérico de Castillejo de La Romana (La Puebla de Híjar, Teruel)*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- Beltrán Lloris, M. (1990). *Guía de la cerámica romana*. Zaragoza: Pórtico.
- Bernal Casasola, D., Puppo, P., Portillo Sotelo, J. L., Díaz, J. J. e Lavado Florido, M. L. (2019). “Una copa jonio/efesia de cerámica helenística con relieves firmada por Gorgias en la Bahía de Cádiz”. *Boletín Ex Officina Hispana*, 10, pp. 31-35.
- Bertone, S. (1989). “Ceramica ellenistica decorata a rilievo a Populonia”. *Rassegna di Archeologia*, 8, pp. 225-231.
- Blech, M., Camps, J. e Vallespir, A. (1978). “Eine reliefschale aus Mallorca”. *Madriditer Mitteilungen*, 19, pp. 231-237.
- Bolufer Marqués, J. e Ribera, A. (1995). “Dos casos de poblament romà (litoral/interior) al País Valencià: La Vall de Xàbia - La Vall Dels Alforins”. Em: Jorge, V. O. (Ed.), *1.º Congreso de Arqueología Peninsular*. Porto: ADECAP, vol. 5, pp. 293-320.
- Cabrera, P. (1978-1979). “La cerámica helenística de relieves de Cartagena”. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología*, 5-6, pp. 81-104.
DOI: <https://doi.org/10.15366/cupauam1979.6.006>
- Cabrera, P. (2004a). “Vasos cerámicos de importación de lujo del Mediterráneo oriental y central”. Em: Olmos, R. e Rouillard, P., eds., *La vajilla ibérica en época helenística (siglos IV-III al cambio de era)*. Madrid: Casa de Velázquez, pp. 5-17.
- Cabrera, P. (2004b). “La cerámica helenística de relieves de La Alcudia (Elche)”. Em: Tortosa Rocamora, T. (Ed.). *El yacimiento de La Alcudia (Elche, Alicante): pasado y presente de un enclave ibérico*. Madrid: CSIC, pp. 55-70.
- Campos Carrasco, J. M. (1986). *Excavaciones arqueológicas en la ciudad de Sevilla. El origen prerromano y la Hispalis romana*. Sevilla: Monte de Piedad y Caja de Ahorros de Sevilla.
- Camps, J. e Vallespir, A. (1998). *Excavacions a Santa Ponça, Mallorca. El Turó de les Abeilles*. Palma de Mallorca: Consell de Mallorca.

- Cerdá, D. (1980). *La nave romano-republicana de la colonia de Sant Jordi*. Palma de Mallorca: Cort.
- Cerdá, D. (2002). *Bocchoris. El món clàssic a la badia de Pollença*. Palma de Mallorca: Consell de Mallorca.
- Chávez Álvarez, M. E. (2000). *Análisis del territorio durante la ocupación protohistórica y romana en la depresión de Vera y valle del río Almanzora, Almería*. Tese de Doutoramento, Universidad de La Laguna.
- Dias, V. (2010). *A cerâmica campaniense de Monte Molião*. Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Espinosa Ruiz, A. e Marcos González, A. (2014). “Los materiales muebles”. Em: Rouillard, P., Espinosa Ruiz, A. e Moratalla Jávega, J. (Coords.). *Villajoyosa antique (Alicante, Espagne): territoire et topographie: le sanctuaire de La Malladeta*. Madrid: Casa de Velázquez, pp. 108-155.
- Fernández de Aviles, A. (1956). “Cuenco megárico de Ibiza en el Museo Arqueológico de Madrid”. Em: *Actas del Ier Congreso de Estudios Clásicos*. Madrid: Sociedad Española de Estudios Clásicos, pp. 296-300.
- Fernández de Aviles, A. (1957). “Cerâmica “de Megara” em Espanha. A propósito de um projecto de catálogo”. *Revista de Guimarães*, 67, pp. 47-54.
- Filipe, V. (2018). *Olisipo, o grande porto da fachada atlântica. Economia e comércio entre a República e o Principado*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- García Cano, C., García Cano, J. M. e Ruiz Valdera, E. (1989). “Las cerámicas campanienses de la necrópolis ibérica del Cabecico del Tesoro (Verdolay, Murcia)”. *Verdolay*, 1, pp. 117-187.
- García Vargas, E. A. e García Fernández, F. J. (2009). “Romanización y consumo: cambios y continuidades en los contextos cerámicos de Hispalis en épocas turdetana y romano-republicana”. *Spal*, 18, pp. 131-165.
DOI: <https://doi.org/10.12795/spal.2009.i18.08>
- Gomes, J. (2016). *Ossonoba entre a Idade do Ferro e Roma. Estudo de cerâmica de tradição púnico-turdetana do sítio do Quintal da Judiçária, Faro (séculos III-I a.C.)*. Tese de mestrado, Universidade do Algarve.
- Gutiérrez López, J. M., Reinoso del Río, M. C., Giles Pacheco, F. e Finlayson, C. (2001). “Nuevos estudios sobre el santuario de Gorham’s Cave (Gibraltar)”. *Almoraima*, 25, pp. 13-30.
- Hayes, J.W. (1985). “Sigillate orientali”. Em: *Atlante delle Forme Ceramiche II*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, pp. 1-96.
- Hayes, J.W. (2001). “Les sigillées orientales”. Em: Lévêque, P. e Morel, J. P. (Eds.). *Céramiques hellénistiques et romaines III*. Paris: Diffusion Belles Lettres, pp. 145-160.
- Jaeggli, O. (1999). *Der Hellenismus auf der Iberischen Halbinsel: Studien zur iberischen Kunst und Kultur: das Beispiel eines Rezeptionsvorgangs*. Darmstadt: Philipp von Zabern.
- Jiménez Sancho, Á. (2002). “Excavación en C/ Abades 41-43 (Sevilla); del siglo III A.C. al siglo IV”. *Romula*, I, pp. 125-150.
- Lara Vives, G. (2004-2005). “Cerámicas helenísticas de relieves en La Alcudia (Elche, Alicante)”. *Lucentum*, XXIII-XXIV, pp. 105-126.
DOI: <https://doi.org/10.14198/LVCENTVM2004-2005.23-24.06>
- Lara Vives, G., Mendiola Tébar, E. M. e López Seguí, E. (2009). “Un cuenco de cerámica helenística de relieves procedente de la villa romana Huerta Del Paturro (Cartagena)”. *Mastia*, 8, pp. 35-41.
- Laumonier, A. (1962). “Bols hellénistiques à reliefs en Espagne”. *Revue des Études Anciennes*, 64 1-2, pp. 43-47.
- Laumonier, A. (1977). *La céramique hellénistique à reliefs. I Les ateliers “ioniens”*. Paris: École Française d’Athenes et Rome.
- Leotta, M. C. (2017). *La ceramica ellenistica a rilievo dell’Italia centrale. Produzione e diffusione*. Roma: Scienze e Lettere.
- Malfitana, D. (2011). “The view from the material culture assemblage of Late Republican Sicily”. *Journal of Roman Archaeology, Supplementary Series*, 83, pp. 185-201.
- Malfitana, D., Poblome, J. e Lund, J. (2005). “Eastern Sigillata A in Italy. A socio-economic evaluation”. *BABESCH*, 80, pp. 199-212.
DOI: <https://doi.org/10.2143/BAB.80.0.630025>
- Martínez Alcalde, M. (1999). “Excavación arqueológica en la zona de La Alberca (Lorca, Murcia). Un horno alfarero de los siglos VII-VI a.C. y un centro comercial y militar de época tardopúnica y romana”. In: *Memorias de Arqueología de la Región de Murcia*, 14, pp. 213-260.
- Montesinos i Martínez, J. (1983). “Constatación de cerámica Helenística de relieves en Valentia”. *Arse*, 18, pp. 367-371.
- Murray, M. A. (1934). *Cambridge Excavations in Minorca. Sa Torreta*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Murray, M.A. (1938). *Cambridge Excavations in Minorca. Trapucó, Part II*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Nicolás, J. de (1983). “Romanización de Menorca”. Em: *Geografía e Historia de Menorca*, Tomo IV. Ciudadela: Vicente Colom Rosselló Editor, pp. 201-283.
- Pellicer Catalán, M. e Schüle, W. (1966). *El Cerro del Real (Galera, Granada). El corte estratigráfico IX*. Madrid: Ministerio de Educación Nacional.
- Pereira, T., Alves, C. e Sousa, E. (2015). “Metallic artifacts from the outside area of Monte Molião (Lagos, Portugal)”. Em: Álvarez, J. M., Nogales, T. e Rodà, I. (Eds.). *Actas del XVIII Congreso Internacional de Arqueología Clásica, vol. 2*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, pp. 1751-1755.
- Pereira, C. e Arruda, A. M. (2016). “As lucernas romanas do Monte Molião (Lagos, Portugal)”. *Spal*, 25, pp. 149-181.
DOI: <https://doi.org/10.12795/spal.2016i25.06>
- Pérez Ballester, J. (1983). “Cerámicas helenísticas del Mediterráneo Oriental en Cartagena”. Em: *Crónica del XVI Congreso Arqueológico Nacional*. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, pp. 519-532.
- Pérez Ballester, J. (1994). “Asociaciones de laginos, boles helenísticos de relieves y ánforas rodias em contextos mediterráneos (siglos II y I a.C.)”. Em: *Iberos y griegos: lecturas desde la diversidad*. Huelva: Diputación Provincial, pp. 345-365.
- Pérez Ballester, J. (2012). “Sobre cerámicas Helenísticas en Iberia / Hispania. Significado y funcionalidad”. *Archivo Español de Arqueología*, 85, pp. 65-78.
DOI: <https://doi.org/10.3989/aespa.085.012.004>

- Pérez-Malumbres Landa, A. (2012). “Contextos comerciales de la transición de la Malaka fenicia a la romana en los solares de Calle Granada, 57-61”. In: Mora Serrano, B. e Cruz Andreotti, G. (Eds.). *La etapa neopúnica en Hispania y el Mediterráneo centro occidental: identidades compartidas*. Sevilla: Universidad, pp. 361-390.
- Pierobon, R. (1985). “La ceramica e la vita della città: le coppe a rilievo ellenistiche”. *Bollettino d'Arte*, 31-32, pp. 83-92.
- Puppo, G. (1995). *Le coppe megaresi in Italia*. Roma: L'Erma di Bretschneider.
- Ramon Torres, J. (1991). *Las ánforas púnicas de Ibiza*. Ibiza: Museo Arqueológico de Ibiza y Formentera.
- Ramos Fernández, R. (1978). “Un vaso de tipo “megárico” del Portus Illicitanus”. *Item*, 3, pp. 87-88.
- Riesco García, F. J. (2010). “La presencia romana en el territorio de Rota”. Em: Gutiérrez López, J. M. (Ed.). *De la Prehistoria a La Rábida y la villa: arqueología de Rota y la Bahía de Cádiz*. Cádiz: Fundación Alcalde Zoilo Ruiz Mateos, pp. 149-172.
- Rogl, C. (2014). “Mouldmade Relief Bowls from Ephesos – The Current State of Research”. Em: Guldage Bilder, P. e Lawall, M. L. (Eds.). *Pottery, peoples and places. Study and interpretation of Late Hellenistic Pottery*. Aarhus: Aarhus University Press, pp. 113-139.
- Rotroff, S. (2006). “The introduction of the Moldmade bowl revisited”. *Hesperia*, 75, pp. 357-378.
- Sánchez López, H. e Orfila Pons, M. (2015). “Boles helenísticos con relieves a molde en el santuario de Calescoves (Menorca)”. *Spal*, 24, pp. 237-249. <https://doi.org/10.12795/spal.2015i24.10>
- Schmid, S. G. (2014). “Imported Mould Made Bowls from Ensérune (France) and the Long Distance Trade in the Hellenistic Mediterranean”. Em: Η Επιστημονική Συνάντηση για την Ελληνιστική Κεραμική. Atenas: Ταμείο Αρχαιολογικών Πορών και Απαλλοτριώσεων Διεύθυνση Δημοσιευμάτων, pp. 181-192.
- Semeraro, G. (2005). “Per un approccio contestuale alla lettura delle immagini. Le ceramiche a rilievo di Hierapolis di Frigia”. *Mélanges de l'École Française de Rome. Antiquité*, 117/1, pp. 83-98.
- Sepúlveda, E., Faria, J. C. e Faria, M. (2000). “Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 1: terra sigillata”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 3/2, pp. 119-150.
- Silva, R. B., Pimenta, J. e Mendes, H. (2013). “A terra sigillata do acampamento militar romano de Alto dos Cacos (Almeirim)”. Em: *Arqueologia em Portugal*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 775-783.
- Sousa, E. (2021). “As taças helenísticas com decoração a molde”. Em: Silva, C. T. da e Soares, J. (Eds.). *O Castro de Chibanes na Conquista Romana. Intervenções Arqueológicas de 1996 a 2017*. Setúbal: MAEDS, pp. 105-108.
- Sousa, E., Alves, C. e Pereira, T. (2016). “O conjunto anfórico da urbanização do Moleão, Lagos (Portugal)”. Em: Járrega, R. e Berni, P. (Eds.). *Amphorae ex Hispania: paisajes de producción y consumo*. Tarragona: ICAC, pp. 464-478.
- Sousa, E. e Arruda, A. M. (2013). “A cerâmica de tipo Kuass de Monte Molião (Lagos)”. Em: *Arqueologia em Portugal. 150 anos. Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 651-659.
- Sousa, E. e Arruda, A. M. (2014a). “Italics and Hispanics in Southwest Iberia in the Dawn of the Roman-Republican period: the common ware of Monte Molião (Lagos, Portugal)”. Em: *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta* 43. Bonn: Rei Cretariae Romanae Fautores, pp. 663-670.
- Sousa, E. e Arruda, A. M. (2014b). “A cerâmica comum romano-republicana de Monte Molião (Lagos)”. *Onuba*, 2, pp. 55-90.
- Sousa, E. e Arruda, A. M. (2018). “A cerâmica de paredes finas de Monte Molião (Lagos, Portugal)”. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología*, 44, pp. 201-226. DOI: <https://doi.org/10.15366/cupauam2018.44.011>
- Sousa, E. e Pereira, T. (2021). “A cerâmica comum”. Em: Silva, C. T. da e Soares, J. (Eds.). *O Castro de Chibanes na Conquista Romana. Intervenções Arqueológicas de 1996 a 2017*. Setúbal: MAEDS, pp. 149-228.
- Sousa, E., Pereira, T. e Alves, C. (2015). “Novos dados sobre a ocupação romano-republicana do Algarve Ocidental: cerâmica comum e outros objectos da Urbanização do Moleão (Lagos, Portugal)”. *Conimbriga*, 54, pp. 81-132. DOI: https://doi.org/10.14195/1647-8657_54_4
- Sousa, E., Pereira, C. e Arruda, A. M. (2019). “O serviço de mesa de época romana republicana de Monte Molião (Lagos, Portugal)”. Em: Coll Conesa, J. (Coord.). *OPE-RA FICTILES Estudios transversales sobre cerámicas antiguas de la Península Ibérica*. Madrid: Ediciones de la Ergástula, vol. 2, pp. 357-368.
- Sousa, E. e Serra, M. (2006). “Resultados das intervenções arqueológicas realizadas na zona de protecção do Monte Molião (Lagos)”. *Xelb*, 6-1, pp. 5-20.
- Sousa, E., Silva, I., Pereira, C. e Arruda, A. M. (no prelo). “Evidências dos primeiros contactos com o mundo romano em Monte Molião (Lagos, Portugal)”. *Actas del V Congreso Internacional SECAH*.
- Tordera Guarinos, F. F. (1991). “Boles helenísticos en relieve en el poblado de «El Monastil»”. *Alebus*, 1, pp. 9-32.
- Vázquez Paz, J. e Gethsemaní Pérez-Aguilar, L. (2018). “Importaciones de vajilla de mesa y cocina en Caura y su entorno inmediato entre el Alto Imperio Romano y la Antigüedad Tardía”. Em: Escacena Carrasco, J. L., Gómez Peña, Á. e Gethsemaní Pérez-Aguilar, L. (Eds.). *Caura. Arqueología en el Estuario del Guadalquivir*. Sevilla: Universidad de Sevilla, pp. 323-338.
- Vegas, M. (1953-1954). “Dos vasos megáricos de Ampurias”. *Ampurias*, 15, pp. 352-355.
- Vegas, M. (1955-1956). “Fragmento de molde megárico de Ampurias”. *Ampurias*, 17, pp. 252-253.
- Viegas, C. (2003). *A terra sigillata da Alcáçova de Santa-rém. Cerâmica, economia e comércio*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Viegas, C. (2011). *A ocupação romana do Algarve – estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

Viegas, C. (2014). “*Terra sigillata* imports in Salacia (Alcácer do Sal, Portugal)”. Em: *Rei Cretariae Romanae Favtorvm Acta* 43. Bonn: Rei Cretariae Romanae Fautores, pp. 755-764.

Viegas, C. (2019). “*Terra sigillata* trade in Mesas do Castelinho (Almodôvar-Portugal): pattern of imports and contextual data in southern Lusitania”. *Spal*, 28-1, pp. 97-129.
DOI: <https://doi.org/10.12795/spal.2019.i28.05>